

GRÁTIS PASSATEMPOS

2.º LIVRO DE
80 PÁGINAS
PARA AS FÉRIAS

KEEP CALM

JOGUE

www.visao.sapo.pt N.º 1067 • 15 a 21 de agosto 2013
Continente e ilhas: € 3,00 • Semanal

VISÃO

AÇORES

ILHAS DE AVENTURA

REPORTAGEM

19 EXPERIÊNCIAS
INESQUECÍVEIS

MERGULHAMOS
COM TUBARÕES
E GOLFINHOS
ESCALAMOS O PICO
SALTAMOS
DE PARAPENTE
FOMOS À PESCA
FIZEMOS RAPEL
NUMA CASCATA
NADAMOS NA LAGOA
DO FOGO
CAMINHAMOS
ENTRE VULCÕES



APENAS
€4,95
CONT.



O-DESPERTAR
DA MAGIA
1.º DE 24 LIVROS



RITA BLANCO / ENTREVISTA

'Devo ser muito cansativa,
mas às vezes tenho graça'

+
ESPECIAL ALGARVE
SEGREDOS E TESOUROS
NO FUNDO DO MAR

AS ILHAS MÁGICAS

Numa altura em que as crianças até aos 11 anos não pagam viagem nem alojamento, e depois do arquipélago ser eleito «destino preferido» para 2014 pela Confederação Europeia das Agências de Viagens e Operadores Turísticos, fomos ver o que os Açores têm para oferecer – e que hoje é muito mais do que a velha imagem das vaquinhas a pastar nos campos debruados a hortênsias. Encontrámos um mundo de tubarões e golfinhos, caminhadas e voos de parapente, grutas e vulcões, surpresas e aventuras. Acompanhe-nos nesta viagem onde água, fogo, terra e ar se combinam em perfeito equilíbrio





ÁGUA

Entre roazes e gorazes

Golfinhos e baleias, águas translúcidas, peixe abundante e uma costa de uma beleza ao mesmo tempo agreste e suave. O mar que rodeia a **Terceira** enamora até quem não tem estômago de marinheiro

POR LUÍS RIBEIRO

Pouco passa das cinco de uma tarde indecisa entre as nuvens e o sol. À entrada de uma das grutas do Ilhéu das Cabras, a milha e meia da costa sul da Terceira, as águas transparentes revelam, lá no fundo, sombras que sugerem a presença de raias. Mas a superfície encontra-se guardada por medusas do tamanho de um punho. Flutuam aqui e ali, aparentemente sem vontade própria – ao mesmo tempo que parecem rondar a embarcação e desafiar os intrusos a molharem-se. Os passageiros não lhes fazem a vontade e o bote amarelo abandona a caverna.

O mar açoriano, no entanto, é generoso. Ao amargo da desilusão dos passageiros, de regresso cabisbaixo a Angra do Heroísmo sem o prometido mergulho, responde com um doce dorso negro, a sobressair na leve ondulação. Depois, outro. E mais dois, três, cinco, vinte. Golfinhos. O bote

aproxima-se e os animais continuam a cortar as águas. O mais exibicionista do grupo decide dar um pulo impressionante, e reentra no mar graciosamente. Com menos graciosidade, mas o mesmo entusiasmo, os humanos saltam para a água e juntam-se aos delfins.

Por baixo da superfície, o grasnar das gaivotas é substituído por um falso silêncio, um tom grave contínuo e abafado, e a visão reduz-se de largos quilómetros para uma dúzia de metros, progressivamente opacos. Mas o medo do desconhecido, provocado pelos novos limites dos sentidos, desaparece à passagem do primeiro golfinho-comum, ou roaz-corvineiro – uma imagem familiar e reconfortante desde o primeiro momento, como se a sua presença fosse uma proteção contra qualquer perigo que as trevas escondam. E então passam mais dois, juntinhos, a uns cinco metros de profundidade, no que se jura ser uma dança: parecem abraçar-se, barbata-



QUEM VISITA A TERCEIRA, PODE EXPERIMENTAR A PESCA TRADICIONAL – E NO FIM LEVAR O PEIXE PARA CASA

nas com barbatanas, em piruetas revelam o contraste entre os cetáceos negros e os ventres alvos. Há momentos mais serenos.

Quando o bote volta a proa para a praia, os passageiros vão de sorriso. Nada a que Paulo Aguiar, ac não esteja habituado. Em 2005, ele criou a Aguiatur, uma empresa de observação de cetáceos, o primeiro do ramo pasteleiro olhava

Golfinhos-comuns

Um enorme grupo de roazes nada junto ao barco, quase que a desafiar os passageiros a mergulharem com eles

aliás, adaptado as tradições ao mundo moderno. A observação de cetáceos é o lado mais visível desta reinvenção. Não o único.

Hugo Vau, 36 anos, manobra o velho barco com uma paixão incomum. Licenciado em psicologia, mas surfista e marinheiro de coração, abandonou a carreira de docente em Lisboa para responder a um anúncio no porto de pesca de São Mateus, na Terceira: precisava-se de pescador. Durante ano e meio, aprendeu as técnicas da apanha, até que comprou o *Gigante* (assim batizado porque, há 58 anos, era a maior embarcação do cais), remodelou-o e chamou a namorada para viver com ele uma vida no mar. Inês Borges, 28 anos, designer de interiores, esqueceu os enjooos que o balanço das ondas lhe provocava e apanhou o avião para os Açores. Assim nascia a Gigante Expeditions.

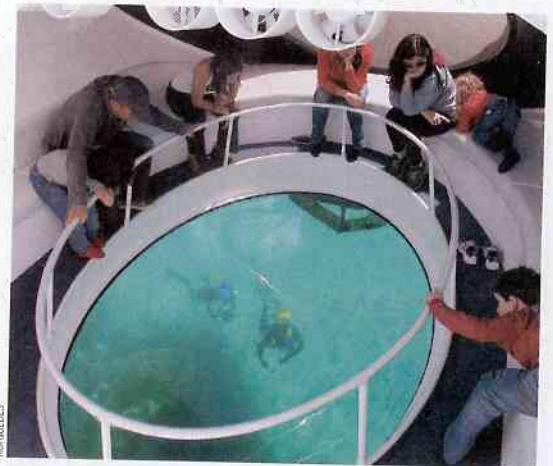
O professor tornado pescador conta a história enquanto prende pedaços de cavala em vários anzóis presos a uma linha e enfia um pedaço fétido de engodo num saco, na ponta. Esse é o trabalho sujo; o resto – tomar conta da linha, junto à roldana, à espera que o peixe pique, é com os turistas: desde o ano passado, o casal é responsável pela pesca-turismo, uma atividade organizada pela Associação de Mulheres de Pescadores e Armadores dos Açores, que propõe a quem visita a Terceira uma saída de mar para experimentar, com as próprias mãos, a pesca tradicional da região. No fim, podem levar peixe para casa ou comê-lo no restaurante do cais, o Beira Mar.

«Olha, peixão. No continente chamam-lhe goraz», explica Hugo, enquanto puxa a linha. Um, dois, três, quatro. Segunda tentativa e mais três gorazes. «Não está nada mal. Têm de vir mais vezes, que dão sorte», brinca o pescador. Os roazes talvez não se importem – mas os gorazes devem ter uma opinião diferente. ▣

No arquipélago, é permitido nadar com 5 espécies de golfinhos

Atlântico como um passatempo. Mas o sucesso das saídas de mar, entre os turistas, levou-o a investir em novas embarcações e ofertas, incluindo viagens entre ilhas, mesmo num momento em que os clientes portugueses escasseiam. «Os estrangeiros gostam tanto que chegam a poupar na alimentação para gastarem mais nas atividades de mar», diz.

Nesta altura, são os cachalotes que vagueiam pelo grupo central dos Açores, além dos omnipresentes roazes. Vigias avisam as empresas de *whale watching* ao menor vislumbre de cetáceos, do alto da enorme corcunda do Monte Brasil, encostado à baía de Angra, dos mesmos postos de observação usados pelas sentinelas dos extintos baleeiros. Hoje, a caça à baleia é figurativa. E já se tornou mais importante na economia local do que nos tempos em que era literal. O turismo dos Açores tem,



FAIAL E PICO

UMA PERSPETIVA ÚNICA

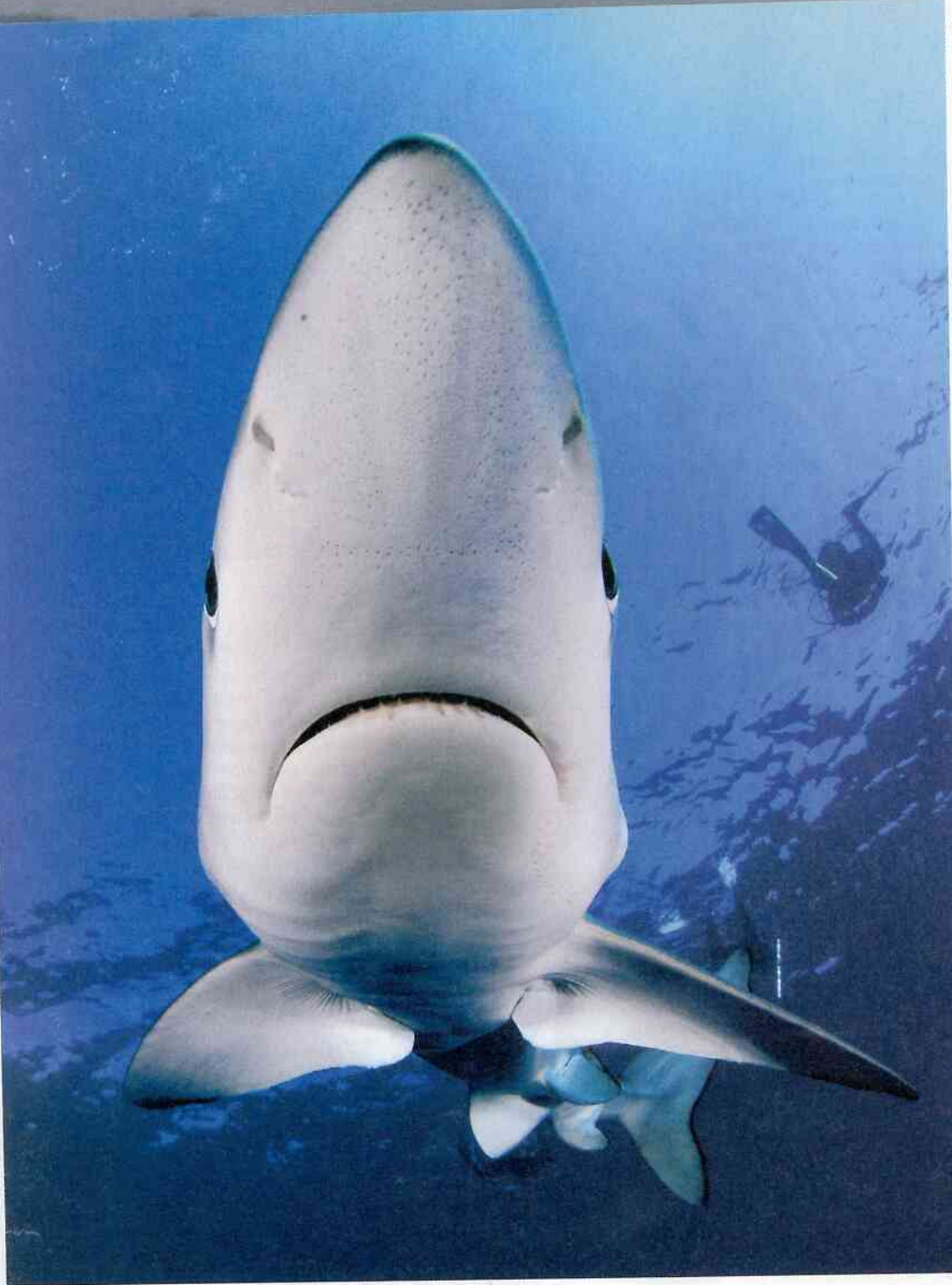
Aqui está um modo diferente de conhecer a riqueza dos fundos marinhos das ilhas do Faial e do Pico: a bordo de um barco com fundo de vidro, que permite observar com total nitidez alguns segredos da vida marinha açoriana. Os passeios, acompanhados por biólogos marinhos, têm uma duração média de hora e meia e abrangem não só a vida animal, como a flora oceânica e geologia marinha, com visitas a grutas costeiras e passagens junto a pontos com atividade vulcânica. No final, se o clima permitir, ainda há tempo para um mergulho.



SÃO MIGUEL

IR NA ONDA

Nos últimos anos, os Açores têm-se assumido como destino de eleição para os praticantes de surf e bodyboard – sobretudo de surfistas mais experientes. Não é por isso de estranhar que surjam cada vez mais escolas e lojas de surf, onde os visitantes podem alugar o material necessário à prática deste desporto ou participar em *surf camps*. Uma das praias mais conhecidas entre a comunidade surfista é a de Santa Bárbara, no concelho da Ribeira Grande, em São Miguel, onde anualmente se realiza uma etapa do mundial de surf.



TURISMO DOS AÇORES



ÁGUA

Mergulhar com tubarões

Mais de 25 anos passados sobre a proibição da caça à baleia, o mar do **Faial** continua a ser um dos melhores locais do mundo para a observação de cetáceos – e para se aventurar a nadar com os mais temidos habitantes do oceano

POR MIGUEL JUDAS

ANTES DE PARTIREM, OS MERGULHADORES TÊM DE ASSINAR UM TERMO DE RESPONSABILIDADE E PROMETER ACATAR AS ORDENS DO GUIA

É manhã bem cedo e já se prepara o isco (uma mistura de cabeças de atum e pedaços de cavala) para mais uma incursão pelo território dos tubarões, algures a 10 milhas dos Capelinhos, a cerca de duas horas da costa. «São cada vez mais as pessoas que vêm de propósito para o Faial para ter esta experiência», explicou Norberto Serpa, fundador da Norberto Diver e o primeiro, na ilha, a apostar neste mercado.

Hoje ele acompanha um grupo de experientes mergulhadores franceses que vão, em apneia, nadar ao lado de tubarões azuis e rinquinhas, espécies que chegam aos 2 metros mas que, segundo Norberto, são totalmente inofensivas. «Os riscos são os normais... e existem sempre quando se lida com animais selvagens desvaloriza. Mas, além de ser necessária licença de mergulho, antes partirem os participantes têm de assinar um termo de responsabilidade, no qual se comprometem a acatar sempre as regras impostas pelo guia. Por exemplo, é proibido tocar nos animais, em especial nas barbatanas. Mas caso o mergulhador se sinta intimidado pelo tubarão, é-lhe ensinada como, com um simples movimento das mãos na água, junto às guelras, consegue fazê-lo nadar para longe».

Foi para viver esta experiência que o holandês Pieter Offringa deslocou ao Faial. Mergulhador há muitos anos, está habituado a nadar em locais como a Indonésia e o Egito – em relação aos quais, assere, esta «ilha não se fica atrás». «Fiz uma breve pesquisa na internet e quando vi o mergulho com tubarões reservei na hora», conta o técnico de som de uma companhia de dança de Amsterdão, que vive em êxtase com a experiência. «Os animais que impõem um grande respeito... é um privilégio poder viver esta experiência.»

Para que mais pessoas possam fazê-lo, a empresa Peter Café Sp, pioneira na observação de baleias, planeia oferecer, em breve, a possibilidade de mergulhar dentro das ilhas. É uma opção muito mais segura – embora com menos adrenalina.



Baleia à vista! Os cachalotes (na foto) são as grandes estrelas dos passeios de observação de cetáceos. Com sorte, é possível ver a baleia-azul ou até uma orca

Em mais nenhum local da Europa se pode interagir com grandes tubarões desta forma. E este é também um dos melhores sítios do mundo (senão o melhor) para ver cetáceos.

Nos velhos postos de vigia, espalhados um pouco por toda a ilha do Faial, os olhos mantêm-se atentos, à procura das baleias na vastidão do oceano, mas já não para as caçar, como durante séculos aconteceu. Hoje, como antigamente, as baleias continuam a ser uma fonte de rendimento das ilhas do grupo central, em especial no Faial e no Pico, onde chegam anualmente milhares de pessoas de todo o mundo para ver de perto os enormes cetáceos que por aqui passam e habitam. «São 27 as espécies que podem ser avistadas nos Açores», começa por explicar a

bióloga marinha Lisa Steiner, antes de nos fazermos ao mar num dos semirrigidos da empresa de Norberto Diver. «Sou natural do Wisconsin, lá não há mar... mas já estudo os cetáceos dos Açores há mais de 20 anos, são a minha grande paixão», conta. O grupo que a ouve é composto por gente de diversas nacionalidades, que veio de propósito aos Açores para ver de perto estes enormes animais. Os mais comuns são os golfinhos e os cachalotes, havendo mesmo um exemplar desta espécie que

é avistado desde 1988, ou seja, desde pouco depois da proibição da caça à baleia, instituída em 1986 – são identificáveis pela cauda, que é como uma impressão digital, não havendo duas iguais.

Arrancamos mar adentro a alta velocidade, em direção à costa sul da vizinha ilha do Pico, onde foi avistado um grupo de cachalotes. Durante a viagem cruzamo-nos com duas baleias de bico, que depressa desaparecem na vastidão do oceano, um grupo de golfinhos e uma tartaruga marinha. O entusiasmo cresce no grupo, mas o melhor ainda estava para vir quando, cerca de uma hora depois, passa, a poucas dezenas de metros da embarcação, um primeiro cachalote, que mergulha

pouco tempo depois para as profundezas, mostrando a sua enorme cauda. «Só vai voltar à superfície daqui a 40 minutos. São animais que chegam a ir aos mil metros de profundidade em busca de alimento», sublinha Lisa.

Ao longo da tarde, avistaríamos um total de 10 exemplares, entre os quais uma mãe com a cria (o que, segundo Lisa, «não é muito comum») e a célebre fêmea de 1988, a última surgir. «Foi um dia bastante bom, tiveram muita sorte», afirma a bióloga, com indistigável satisfação. ▀

É possível observar 27 espécies de baleias nos mares dos Açores



TERCEIRA

CEMITÉRIO DE FERRO

Mesmo à saída da marina de Angra do Heroísmo, jazem dezenas de âncoras no fundo do mar, a pequenas profundidades. Este «ferro-velho» subaquático é o resultado do desespero de muitos capitães que, ao longo dos séculos, apanhados em tempestades junto ao porto da cidade, mandavam cortar as cordas que prendiam os navios às âncoras, para tentarem escapar ao naufrágio. Muitos acabaram mesmo por se esmagar contra as rochas do Monte Brasil. Hoje, as âncoras são uma das atrações do parque arqueológico subaquático da baía desta cidade património da Humanidade.



SÃO MIGUEL

PISCINA IRRESISTÍVEL

Em frente a Vila Franca do Campo, o Ilhéu de Vila Franca, resultante da cratera de um antigo vulcão submarino, tem no seu interior uma piscina natural circular, com cerca de 150 metros de diâmetro, que comunica com o mar por uma estreita passagem, onde se pode tomar banho e mergulhar. Classificado como reserva natural, a área protegida abrange uma área de 5 hectares, que inclui todo o ilhéu e a orla marítima adjacente até uma profundidade de 30 metros. Nos meses de junho a setembro há um serviço regular de barco a partir de Vila Franca do Campo. É também aqui que, desde 2012, se realiza uma etapa do Red Bull Cliff Diving, uma competição de saltos para a água, realizados de uma plataforma fixa a 27 metros de altura.



TERRA

A ilha indomável

As florestas densas, arribas gigantescas e fajãs singulares fazem de São Jorge a mais selvagem de todas as ilhas – e provavelmente a mais bela

POR LUÍS RIBEIRO

Jorge Santos abre o portão rústico que separa a berma da estrada de um pasto verde-claro. «Deixem-me ir à frente. Pode haver touros.» Ninguém contraria o guia, de 36 anos. Uma neblina difusa e fria cobre o planalto de São Jorge, a ilha central dos Açores, tornando ainda mais interessante a travessia do território de animais com meia tonelada e pouco conhecidos pelo seu sentido de humor.

A caminhada em direção à mítica Fajã de Santo Cristo segue sem sobresaltos. E então surge o vale, que serpenteia em direção ao mar, lá ao longe. A paisagem carrega no verde, a vegetação rasteira dá lugar a uma floresta fechada e o percurso cobre-se de uma tapete de folhas castanhas, traiçoeiras, impregnadas da humidade matinal. Grandes manchas de hortênsias azuis crescem entre fetos gigantes e arbustos

O terramoto de 1980 levou muita gente a abandonar as fajãs mais remotas

endémicos do tamanho de árvores. O corpo de uma cabra jaz no caminho. «Depois do abalo de 1980, as pessoas abandonaram os rebanhos e os animais continuaram por aqui, selvagens», explica Jorge, fundador da empresa Discover Experience, especializada em percursos pedestres na ilha. «Abalo» – eufemismo açoriano para apoucar os terremotos.

O cenário impressiona até os mais viajados turistas. «Tive um cliente neozelandês que me dizia que nós temos aqui uma Nova Zelândia em miniatura», conta o guia. Os Açores são o último destino exótico de quem já conheceu os mais exóticos locais do mundo, explicava, na noite anterior, António Pedroso,

45 anos, artista local e proprietário do alojamento Casa do António, na vila das Velas. «Pessoas que abrem o mapa e procuram o que falta visitar.» E São Jorge é a ilha mais singular e agreste do arquipélago, historicamente menosprezada pelos coloni-

Fajã de Santo Cristo
A aldeia não tem eletricidade nem acesso para carros, o que faz dela uma das mais isoladas de Portugal – e uma das mais belas

O MAR, DE UM AZUL FORTÍSSIMO, CRIA ONDAS PERFEITAS, QUE MORREM COM ESPANTOSA SUAVIDADE NAS PEDRAS ARREDONDADAS

zadores, que hoje atraem os amantes da natureza e dos passeios a pé. Um tipo de turismo bem mais valioso do que aparenta. «A população ainda acha que o turista de mochila às costas é pobre. Ora, é precisamente o contrário», assegura António.

Na descida para a Fajã de Santo Cristo, o silêncio é interrompido pelo ruído crescente de água a correr. «Já estamos perto da cascata da Caldeira de Cima», avisa Jorge Santos. «Preparados para um rapel de sete metros pela queda de água? A descida pela água fresquíssima bem-vinda, para combater o calor abafado. Um pouco mais à frente, um quilómetro do destino, uma curva no caminho serve de miradouro para a lagoa da fajã, separada do mar por um semicírculo de seixos de todos os tamanhos e tons de cinzento. De longe, parece azul; de perto torna-se verde, ao trocar o reflexo do céu pela da encosta de 700 metros que se agiganta sobre a fajã. A aldeia de Santo Cristo é talvez a mais inóspita de Portugal, sem eletricidade



Cascata da Caldeira de Cima A descida em rapel pela queda de água é muito popular no percurso pedestre para a fajã de Santo Cristo

dade nem acesso de carro, apenas um caminho ao longo da costa que demora uma hora a percorrer a pé. As casitas, belas e bem tratadas, cravadas no sopé da montanha, têm a companhia de uma igreja, onde uma televisão, instalada no altar e ligada a um gerador, é sintonizada na missa aos domingos de manhã, para substituir o padre, que há muito não pisa estes terrenos.

A sobrevoar a lagoa, os garajaus, mais elegantes e delicados dos que as gaivotas, andam à pesca dos peixinhos, escondidos nestas águas até crescerem o suficiente para não serem engolidos pelos peixes maiores. Do outro lado da barreira, o mar, de um azul fortíssimo, cria ondas fotogénicas, longas e uniformes, que morrem com espantosa suavidade nas pedras arredondadas. São estes tubos requintados que fazem do local um dos mais cobiçados santuários de surf do País, mas apenas se avista um surfista, morador na aldeia, com a mulher e o filho de dez anos.

O caminho ao longo do mar, de

regresso à civilização, é bem mais suave do que o percurso pelas montanhas. Estranhamente, é mais duro de percorrer: a imagem da lagoa, com as suas águas maravilhosas, perfeitas, a ficar cada vez mais distante acrescenta peso aos pés. Por outro lado, a perspetiva de um manjar na vila da Calheta, num parque de merendas sobranceiro ao oceano, dá algum ânimo à viagem de volta. Pedro Veiros, 33 anos, fundador da empresa Be Azorean, jura que os piqueniques que organiza, apenas com produtos da região, é uma das imagens mais fortes que os turistas levam de São Jorge. «É a melhor forma de terminarem a visita. Acabam com o gosto da ilha, literalmente.»

O petisco ao ar livre, à sombra de grandes árvores, é apropriado para uma região que vive do seu lado mais natural. Os sabores tão rudes como deliciosos do queijo local e da alcatra de carne são a metáfora ideal para a beleza áspera das montanhas e falésias de São Jorge – a ilha que nunca foi realmente domesticada. ❑



TERCEIRA

UMA VINHA ORIGINAL

A zona dos Biscoitos, na Terceira, é famosa pelas suas piscinas naturais. Mas, de qualquer miradouro, há outra coisa a monopolizar a paisagem: uma imensidão de quadrados, delimitados por muros baixos de pedra vulcânica que protegem as videiras, rasteiras, das brisas salgadas do mar. As vinhas do Pico são únicas mas não há vinhedo mais pitoresco do que o da Terceira, que tem o seu ponto alto no Magma, um branco de casta verdeilha. Uma caminhada por este labirinto tem ainda a particularidade de incluir uma ou outra trincheira esquecida – resquícios da Segunda Guerra Mundial.



SÃO MIGUEL

A GALOPE

E se, em vez de alugar um carro, for dar uma volta à ilha de São Miguel a cavalo? É esta proposta da Quinta da Terça, uma herdade da freguesia do Livramento, em Ponta Delgada, que organiza passeios equestres. De percursos mais pequenos, de apenas hora e meia, na zona do Livramento, a passeios de um dia inteiro, nalguns dos locais mais emblemáticos de São Miguel, como o Nordeste ou as Sete Cidades, são muitas e variadas as propostas, que podem até incluir ainda uma manhã de canoagem na Lagoa das Furnas.



△ FOGO

Acima das nuvens

Será mesmo este o melhor nascer do Sol a que se pode assistir em Portugal? É preciso subir até ao cimo dos 2 351 metros do Pico para descobrir

POR RUI TAVARES GUEDES

Porque é que se sobe a uma montanha? «Porque ela está lá», respondeu, há cerca de um século, de forma definitiva, o alpinista britânico George Mallory, quando se preparava para atacar o Everest. A frase, tanto tempo depois, continua atual e a fazer todo o sentido para quem atravessa o Atlântico e chega ao grupo central do arquipélago dos Açores. Desde qualquer ilha, o Pico é visível, com o seu cume por vezes encoberto por nuvens, outras vezes a furá-las, umas vez com neve (no inverno), outras com as suas paredes de terra castanha a brilharem ao sol. O que nunca se altera é o impulso para o subir, para o escalar, para descobrir a vista que se terá de lá de cima. Um impulso tão natural quanto incontroável. Porquê? Exatamente

porque a montanha está lá – e, neste caso, como guardião de um tesouro suplementar: é o ponto mais alto de Portugal, o nosso pequeno Everest. Numa ilha que não se sabe se é montanha ou uma montanha que é ilha.

O desafio está lançado: ir ver o Sol a nascer do alto dos 2 351 metros do Pico. A subida é para ser feita de noite, com lanternas na cabeça, mãos livres para ultrapassar os momentos mais acidentados do percurso e uma determinação que tem que ser superior à fadiga. E sempre, sempre a seguir as pisadas e indicações de Carlos e Joaquim, os guias que conhecem os caminhos, sabem calcular distâncias, conseguem prever a meteorologia das próximas horas e, mais importante do que tudo, possuem a perfeita noção de como se deve equilibrar os períodos de escalada com os de descanso, de forma a manter unido o

No topo do Pico
A subida faz-se de noite, em várias etapas, durante cinco horas. No final, todo o esforço é compensado

grupo improvisado de montanhistas iniciados.

A primeira ordem é clara: «Vamos fazer pausas para descansar, mas sob o nosso comando. Só se para quando nós dissermos!» O plano fica, assim, traçado, ainda aos 1 200 metros de altitude, após a inscrição na Casa da Montanha, ponto de partida e de chegada de todos os visitantes da Reserva Natural da Montanha do Pico: a subida será feita em etapas de 20 a 30 minutos de caminhada, intervaladas por descansos de cinco minutos. Em cada etapa, sobem-se, sensivelmente, 100 metros em altitude. Tudo somado, serão cerca de quatro horas e meia a cinco horas até ao cume, mesmo a tempo de ver o Sol surgir no horizonte.

Os primeiros momentos são de descoberta, mas também de tensão. A noite está escura, há uma brisa fria

A montanha do Pico tem mais 358 metros de altura do que a serra da Estrela



ALU TAVARES/GHÉRES



TURISMO DAS AÇORES



TURISMO DAS AÇORES



FAIAL

PELO TRILHO DOS 10 VULCÕES

Um percurso pedestre, num total de 27 km de dificuldade média, ao longo do qual é possível apreciar a riqueza paisagística do Faial: da Laurissilva às levadas, da densa vegetação dos Mistérios à paisagem lunar dos Capelinhos, sempre com vista para os cones vulcânicos. Pode ser percorrido de bicicleta, num percurso alternativo, que permite apreciar a linha de cones do Cabeço do Fogo, do Cabeço Verde, do Cabeço do Canto e dos Capelinhos. «Há percursos de meio-dia e de dia inteiro, que são adaptados à vontade de cada um, mas o mais procurado é o que vai da Caldeira aos Capelinhos», explica Filipe Ávila, organizador dos passeios de BTT.



SÃO MIGUEL

MERGULHO NA CRATERA

Bem no centro da ilha de São Miguel, a Lagoa do Fogo ocupa toda a cratera de um antigo vulcão, com 1 360 hectares. Um pequeno carreiro, que sai da estrada de alcatrão, no topo da montanha, permite descer até às suas margens, classificadas como reserva natural. O caminho não é fácil e exige algum esforço físico, devidamente recompensado à chegada, por uma enorme praia de areia branca e águas transparentes, que convidam a um retemperador mergulho. Mais ou menos a meio da encosta do vulcão fica a Caldeira Velha, um pequeno lago tépido junto a uma caldeira fumegante, rodeada de fetos arbóreos, onde também se pode tomar banho.

a enregelar o corpo. A luz ténue da lanterna vai descobrindo relances da paisagem: uma vegetação rasteira, com azevinho, rosmaninho e cedro do mato, além de outras espécies típicas das florestas da Laurissilva. Mas o terreno é que impressiona mesmo, com as suas formações rochosas geologicamente recentes, os basaltos frágeis e soltos (a provocar inúmeras escorregadelas), e muitas formações de lava, a recordar erupções passadas. Esta não é só a montanha mais alta de Portugal. É também a mais recente. Surgiu, das profundezas do oceano há cerca de 750 mil anos como um vulcão que, desde o fundo do mar, mede agora mais de 5 mil metros de altura – metade dos quais a descoberto.

A passagem dos 2 mil metros de altitude é assinalada com uma celebração especial – não só já se ultrapassou

a cota da continental serra da Estrela como, nesta noite, é preciso também aproveitar o céu absolutamente limpo. Consciente dessa raridade, Carlos volta a dar uma ordem: «Apaguem as luzes e, por favor, calem-se.» O silêncio é dificilmente respeitado, pois apetece soltar «uaus» e outros gritos de alegria. No meio da escuridão total, um incrível céu de estrelas, com a coluna central da Via Láctea a revelar uma imensidade de cores e tons, abraça-nos na natureza. O reflexo das estrelas no mar confunde-se com as luzes do Faial e de São Jorge. É um planetário natural e em versão gigante. Silêncio, por favor.

Poucos minutos depois, a temperatura começa a descer ainda mais e sente-se a humidade na cara e nas mãos: as nuvens estão a chegar. As últimas duas etapas da escalada são feitas em contra-relógio para chegar

a horas ao encontro com o sol. E as nuvens continuam a correr, por debaixo de nós, a uma velocidade cada vez mais rápida. Quando chegamos ao topo da montanha e bordejamos a cratera, já não se vê o oceano, mas apenas um mar branco de nuvens, a girar ao redor da ilha. Nada disso estraga o cenário, muito pelo contrário. Dá-lhe uma dimensão ainda mais intemporal e irreal: somos os únicos naquela ilha (e porventura em todas as outras do grupo central) que estamos acima das nuvens, com um céu incrivelmente azul por cima de nós. É assim que surgem os primeiros raios de sol, fortes e quentes, a pintar a cratera e as encostas íngremes do Piquinho (a elevação de 70 metros que nasce lá em cima). Porque é que se sobe a uma montanha? Exactamente por causa de um nascer do Sol como este. E, claro, porque ela está lá. ▽

À NOITE,
NA ESCURIDÃO
TOTAL, UM
INCRÍVEL CÉU
DE ESTRELAS
REFLETE-SE
NO MAR E
CONFUNDE-SE
COM AS LUZES
DO FAIAL
E DE SÃO JORGE



Voar como os milhafres

Com condições naturais únicas, São Miguel foi recentemente considerada um dos melhores locais do mundo para a prática de parapente

POR MIGUEL JUDAS

Desde há sete anos que Pierre Maret e Catherine Loy são visita frequente em São Miguel. Todos os anos, este casal francês, natural de Marselha, vem até à maior ilha do arquipélago para participar no Festival de Parapente dos Açores, um dos maiores eventos deste desporto a nível europeu, que anualmente reúne em São Miguel mais de uma centena de participantes de todo o mundo – a edição deste ano tem início no dia 21 e prolonga-se até 25 de agosto. «O Pierre vem sempre ao encontro, já é da família», explica Hugo Sousa, do Clube Asas de São Miguel, organizador do encontro.

«Não temos grandes distâncias, mas temos voo dinâmico (provocado por vento de montanha) e voo térmico (provocado pelas correntes de ar quente) num mesmo espaço, o que é muito divertido, até para os pilotos mais experientes. Tudo isto torna esta ilha num local único para a prática de parapente», sublinha Hugo. E depois, há as paisagens, como a da Lagoa das Sete Cidades, eleita pela *Parapent Mag*, uma das bíblias deste desporto, «um dos mais bonitos locais do mundo para voar».

É com o experiente Pierre que, nesta manhã de verão, vamos ter o nosso

batismo de voo numa asa de dois lugares. Vistos de baixo, os quase 500 metros de altitude da serra Gorda, um planalto nos arredores de Ponta Delgada, nem parecem assim tão assustadores, mas a bravata vai-se desvanecendo à medida que subimos. Lá do alto, a manada de vacas com que nos havíamos cruzado, durante a subida, não passa agora de um aglomerado de minúsculas figuras, que salpicam de branco e preto um imenso tapete verde. Enquanto ultima o material, Pierre dá-nos instruções básicas: «Ao meu sinal começamos a correr. É muito simples.» Parece fácil, de facto. Mas a ideia de correr para um penhasco em direção ao vazio, dá que pensar...

Lá bem no alto, um casal de milhafres voa em círculo, dezenas de metros acima das nossas cabeças. «As condições estão perfeitas, os milhafres são os nossos melhores amigos, basta olhar para eles para saber como está o vento», afirma Hugo, apontando as aves. Mas mal temos tempo de as olhar, pois Pierre dá logo em seguida o esperado sinal. Um par de metros em passo de corrida e, quase sem dar por isso, ficamos suspensos no vazio, subindo de imediato algumas dezenas de metros. Nesse preciso momento, os receios iniciais dão lugar a uma contida euforia – afinal, estamos mesmo a voar, caramba!



Iniciação A serra Gorda é a rampa de lançamento perfeita de quem salta pela primeira vez

A REVISTA 'PARAPENT MAG' ELEGEU A LAGOA DAS SETE CIDADES COMO UM DOS MAIS BONITOS LOCAIS DO MUNDO PARA VOAR

Com a ajuda de um dia totalmente limpo, como é raro nos Açores, avisamos tanto a costa sul como a norte, um oceano a perder de vista, e, em frente, a imensa montanha da Lagoa do Fogo. Vista do ar, a tão celebrada beleza natural da ilha ganha um encanto ainda maior, que nem o ligeiro enjoo que entretanto se começa a fazer sentir consegue atenuar. Cerca de meia hora depois, é tempo de voltar a terra firme. «Quando aterrarmos, basta caminhar normalmente», avisa Pierre. E assim foi, tão facilmente como descolámos, também aterrámos. «Este local é perfeito para voar pela primeira vez», considera Pierre. «Foi um voo muito divertido», diz. Foi, sim senhor. ▀

SÃO MIGUEL

ILHAS DE AVES RARAS

É na zona montanhosa da Tronqueira, na zona leste da Ilha de São Miguel, que vive uma das aves mais raras do mundo. O priolo só existe aqui – e apenas subsistem entre 600 a 800 casais desta espécie, atualmente considerada «em perigo». É para ver espécies como esta que cada vez mais observadores de aves se deslocam aos Açores, que se estão a tornar numa verdadeira meca para os praticantes desta atividade. «Temos apenas 40 espécies residentes, mas muitas subespécies e duas apenas existentes no arquipélago: o priolo de São Miguel e o painho de monteiro, da Graciosa. Para além das aves endémicas, há ainda as aves marinhas e as aves americanas, sendo estas últimas as que mais pessoas atraem, por ser



PELHO BORGES

o único local da Europa onde podem ser avistadas», explica Joaquim Teodósio, coordenador da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (Spea) nos Açores. É ele quem nos guia pela Zona de Proteção Especial do Pico da Vara/Ribeira do Guilherme, uma área de mais de 6 mil hectares, dos quais mil são de floresta

endémica, criada para preservar o raro priolo. Esta ave alimenta-se essencialmente de sementes, botões florais, esporângios e soris de fetos, apenas existentes na floresta Laurissilva, cuja área tem reduzido bastante, levando quase à sua extinção. A visita começou no Centro Ambiental do Priolo, situado numa antiga casa de

guardas florestais, junto à reserva florestal de recreio da Cancela do Cinzeiro, onde estão disponíveis todo o tipo de informações sobre esta espécie, incluindo um mapa onde são registados todos os avistamentos de priolos. Continuámos depois pelos trilhos da serra da Tronqueira, onde observamos milhafres, tentilhões e algumas estrelinhas... mas nada de priolos. «Esta é uma das melhores alturas para os ver, porque há abundância de alimento e é época de reprodução, mas é sempre uma questão de sorte», avisa Joaquim Teodósio. Nem de propósito, logo em seguida surge um, desaparecendo tão rápido quanto apareceu, na densa floresta. Um pouco mais à frente, num local replantado com vegetação autóctone, ouvimos o característico assobio curto e aflautado do priolo. Olhamos e, num ramo em frente, lá está mais um, ainda juvenil, que se deixa fotografar durante alguns segundos. «Se ver um já é raro, dois é um verdadeiro acontecimento», exulta Joaquim, colocando, no regresso, mais dois pins no mapa de avistamentos.

A HISTÓRIA DO BENFICA É HOJE.

Viva todas as conquistas, conheça todas as histórias e divirta-se num museu tecnológico e interativo para toda a família.

Ative o QR Code para ver o vídeo.

www.museubenfica.pt
e 707 200 100 (todos os dias das 9h às 20h)

MUSEU BENFICA
COSME DAMIÃO



DESCARREGUE
A APLICAÇÃO DO
MUSEU BENFICA
COSME DAMIÃO
para Apple ou Android.

ESPAÇO INFANTIL
POWERED BY

ZON
kids



AÇORES

Guia de atividades

Mais do que simples lugares de contemplação, as nove ilhas são hoje também um terreno fértil para as mais diversas e inesquecíveis experiências. Sempre em contacto com a natureza. Em estado puro



GENALDO RIBEIRO DA SILVA



SÃO MIGUEL

O mais difícil é escolher, mas os apeadeiros obrigatórios são a Lagoa do Fogo e as da **Sete Cidades**, as águas quentes da Caldeira Velha, o Parque Terra Nostra, os jardins de António Borges e José do Canto, o Ilhéu de Vila Franco do Campo e as Furnas – seja a cavalo, de bicicleta, parapente, barco ou canoa.



TURISMO AÇORES



FAIAL

Talvez a ilha mais popular para atividades de observação de cetáceos, começou entretanto a oferecer programas de mergulho com tubarões. A Caldeira, com quase dois quilómetros de diâmetro, merece uma visita, assim como o Vulcão dos Capelinhos. E nenhuma viagem ao Faial fica completa sem uma paragem no **Peter Café Sport**, um bar com 95 anos na Horta.

- Locais de surf
- Locais de mergulho
- Observação de aves
- Pesca desportiva
- Percursos pedestres
- Escalada
- Locais de canyoning
- Passeios a cavalo
- Passeios de barco
- Golfe
- Termas
- Património Mundial
- Património Geológico
- Porto e centro náutico
- Marina e centro náutico
- Porto pequeno
- Farol



GRACIOSA

A ilha mais isolada do grupo central conta com a **Furna do Enxofre** (uma enorme gruta vulcânica com um lago no interior) como principal ponto turístico. As Termas do Carapacho e os característicos moinhos de vento são igualmente incontornáveis, tal como as famosas Queijadas da Graciosa.



FLORES

Além de ser o território mais ocidental da Europa, a ilha tem ainda dúzias de cascatas que a tornam inconfundível (com o expoente no **Poço do Bacalhau**, uma queda de água de 90 metros). Outra atração é a Gruta dos Enxaréis, uma cova com 25 metros de largura apenas acessível por mar, em tempos usada como esconderijo por piratas.

TERCEIRA

A mais populosa ilha do grupo central oferece uma imensidão de atrações: observação de baleias, snorkeling, mergulho, saídas de pesca, o interior da chaminé vulcânica do **Algar do Carvão**, o Monte Brasil, a Fortaleza de São João Baptista, a estância dos Biscoitos e, claro, a cidade de Angra do Heroísmo, Património Mundial da UNESCO há 30 anos.



Angra do Heroísmo



TURISMO DOS AÇORES

PICO

A montanha mais alta de Portugal é, obviamente, a atração principal. Nem sempre as condições meteorológicas permitem a subida, mas a ilha tem mais para ver. As **vinhas** são incontornáveis (consideradas Património Mundial pela UNESCO), assim como o Museu da Indústria Baleeira, onde se recorda o passado da caça à baleia nos Açores.



Madalena

São Roque do Pico

São Mateus



Velas

Calheta

SÃO JORGE

Em apenas 54 quilómetros de comprimento por oito de largura máxima, a ilha tem **dezenas de fajãs**: belíssimos terrenos planos e férteis, junto ao mar, na base de grandes encostas, muitos de difícil acesso. As caminhadas para se lá chegar, através de vales e montes, são tão deslumbrantes como as próprias fajãs.



TURISMO DOS AÇORES



Vila do Porto

SANTA MARIA

O influente jornal britânico *The Guardian* escolheu a **Praia Formosa**, em Santa Maria, como uma das 20 melhores praias do mundo para passar férias baratas. Como extra, o Sul da ilha conta com alguns locais perfeitos para quem faz mergulho, enquanto o interior é cruzado por belos percursos pedestres.



Vila do Corvo

CORVO

A sul da minúscula ilha (apenas 17 quilómetros quadrados), há algumas grutas submersas que albergam grandes meros e moreias, e fazem as delícias dos mergulhadores. Em terra, o **Caldeirão**, uma cratera vulcânica com mais de dois quilómetros de diâmetro e uma lagoa no interior, é de visita inevitável.



TURISMO DOS AÇORES